



**HISTÓRIA DAS INFÂNCIAS EM SÃO LEOPOLDO/RS: OS  
BRINQUEDOS E A CULTURA LÚDICA DO BRINCAR EM UMA  
CIDADE DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL  
(INÍCIO DO SÉCULO XX)**

***HISTORY OF CHILDREN IN SÃO LEOPOLDO / RS: TOYS AND  
THE PLAYING CULTURE OF PLAY IN A GERMAN  
COLONIZATION CITY IN SOUTHERN BRAZIL  
(EARLY 20TH CENTURY)***

**Eduardo Cristiano Hass da Silva<sup>1</sup>  
Estela Denise Schütz Brito<sup>2</sup>  
Christiano Roberto Lima de Aguiar<sup>3</sup>**

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo analisar os modos de ser e estar na infância na cidade de São Leopoldo, sul do Brasil, no início do século XX. A investigação analisa parte da cultura material registrada em imagens de objetos da vida infantil salvaguardados pelo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), localizado na mesma cidade. O referencial teórico está ancorado nos estudos sobre infâncias desenvolvido por Philippe Ariès (1981), cultura lúdica do brincar por Tizuko Kishimoto (1997) e cultura material da Escola por Augustín Benito Escolano (2000). A partir das análises das imagens dos brinquedos entendemos que a infância nesta cidade, no período destacado, era permeada por uma representação do cenário local, bem como do mundo do trabalho, característico do universo adulto.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Infâncias; Brinquedos; Museu; Cultura Material.

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the ways of being in childhood in the city of São Leopoldo, southern Brazil, at the beginning of the 20th century. The investigation analyzes part of the material culture recorded in images of children's life objects safeguarded by the Visconde de São Leopoldo Historical Museum (MHVSL). The theoretical reference is in the studies on childhood developed by Philippe Ariès (1981), playful culture of playing by Tizuko Kishimoto (1997) and material culture of the School

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na linha de pesquisa "Educação, História e Políticas". Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa "Sociedade Ciência e Arte". É membro pesquisador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS - 2019). Bolsista de doutorado com Bolsa Integral CNPq.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Especialização em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Católica do Brasil - ULBRA/Canoas (2012). Professora da rede privada de educação da cidade de São Leopoldo/RS, Colégio Sinodal desde 2011.

<sup>3</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Professor do Programa PARFOR/PROFEBPAR, pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2011 a 2014); Desde (2006) é professor efetivo da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL..



by Augustín Benito Escolano (2000). From the analysis of the images of the toys, we understand that childhood in this city was permeated by a representation of the local scene, as well as the world of work, characteristic of the adult universe.

**KEYWORDS:**

Childhoods; Toys; Museum; Material Culture.

**Introdução**

*O Tempo só anda de ida.  
A gente nasce, cresce, envelhece e morre.  
Pra não morrer  
É só amarrar o Tempo no Poste.  
Eis a ciência da poesia:  
Amarrar o Tempo no Poste!  
(Manuel de Barros, 2008)*

Manuel de Barros, de forma poética, fala em uma entrevista concedida em 2008 sobre o tempo. Esse tempo, que segundo o poeta, “anda só de ida”, faz com que o ser humano passe por diferentes fases na vida. O trabalho que aqui se apresenta, versa sobre um desses tempos da vida do ser humano, o tempo da infância. Ou seria melhor dizermos o tempo de ser criança? Na realidade, infância e criança são termos que possuem diferentes caracterizações e que precisam ser elucidados.

O presente texto tem o objetivo de analisar os modos de ser e estar na infância da cidade de São Leopoldo, no início do século XX. Para tanto, nos utilizamos da análise de brinquedos e objetos ligados ao brincar, salvaguardados no Museu Visconde de São Leopoldo, localizado nesta cidade. A partir de uma visita à esta instituição de salvaguarda e da observação destes objetos, alguns questionamentos emergiram: como se dava a infância daqueles que brincavam com essas peças? Como se caracteriza o modo de ser infante em uma cidade de imigração alemã, no início do século XX? Quais os brinquedos utilizados pelas crianças e sua relação com os modos de ser infante? Para responder estes questionamentos, os artefatos do Museu foram fotografados e analisados a partir da problemática apresentada.

Para atender o objetivo proposto, o texto encontra-se dividido em 5 partes. Na primeira, intitulada de História das Infâncias, propomos uma reflexão a respeito da emergência do conceito de infância e da concepção de criança. Para tanto, recorreremos a um estudo clássico de Philippe Ariès (1981), que reflete sobre a concepção de Infância



na Europa, propondo algumas aproximações com Marisa Lajolo (2006), Sônia Kraemer (1999), Ana Maria Mauad (2018) e Maria Beatriz Nizza da Silva (2014). Na sequência, em ‘Os Brinquedos e a Cultura Lúdica do Brincar’, propomos algumas reflexões sobre os brinquedos na infância, bem como sobre a cultura lúdica do brincar.

Em ‘Uma cidade no sul do Brasil – Imigração, etnia, infâncias’, aproximamos o leitor sobre a constituição da cidade de São Leopoldo, atentando especificamente para o processo imigratório, as relações étnicas e as infâncias. O ponto central da discussão está em “História das Infâncias em São Leopoldo a Partir da Cultura Material”, momento no qual discutimos as infâncias a partir dos brinquedos salvaguardados no Museu Visconde de São Leopoldo. Para finalizar, as conclusões parciais apontam que, na cidade estudada, no período destacado, as infâncias eram permeadas por representações do cenário local, bem como do mundo do trabalho, característico do universo adulto.

### **História das Infâncias**

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (ARIÈS, 1981, p. 28).

A palavra infância, proveniente do Latim *infantia*, tem por significado “aquele ou aquela que não tem fala”. Problematizando esse significado, o que seria esse “não ter fala”? Seria aquele(a) que ainda não verbaliza as palavras ou aquele(a) que a fala não é levada em consideração pelos adultos? Por outro lado, essa “ausência de fala”, também pode ser entendida como uma ausência de estudos sobre essa fase da vida, ou ainda, em uma inexistência de legislação específica sobre esse período da vida. Nas palavras de Marisa Lajolo (2006, p. 230):

[...] por não falar, a infância não se fala e, não se falando, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar esta primeira pessoa, isto é, por não dizer eu, por jamais assumir o lugar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consistir sempre um ele/ela nos discursos alheios, a infância é sempre definida de fora.



Podemos afirmar também, com base nos estudos de Sônia Kramer (1999), que o sentimento de infância que temos hoje em dia, não foi o mesmo de outrora e que esse conceito foi ganhando novos significados ao longo dos tempos. De acordo com a autora, o conceito de infância é um “produto de evolução da história das sociedades, e o olhar sobre a criança e sua valorização na sociedade”, e que esse olhar e essa valorização para a criança “não ocorreram sempre da mesma maneira, mas, sim, de acordo com a organização de cada sociedade e as estruturas econômicas e sociais em vigor” (Kramer, 1999, p. 244). Mas como este conceito emerge?

A partir de um número variado de fontes escritas, materiais e visuais, o historiador Philippe Ariès (1981) propõe uma reflexão sistematizada sobre a História da Infância. Tomando para análise álbuns e retratos de família, registros, diários, entre tantos outros fragmentos de séculos passados, o autor os organiza de forma a entender as chamadas ‘Idades da Vida’. Segundo o autor, “as ‘idades da vida’ ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média” (ARIÈS, 1981. p. 4). Essas idades tinham caráter científico (assim como o peso e as medidas), estavam relacionadas a elementos da natureza, contavam com um aparato simbólico ligada aos números e, configuravam-se como uma forma de compreender a biologia humana.

Considerando que apenas no século XVIII o registro da idade torna-se preocupação, uma vez em que os párocos passam a manter os registros com a exatidão que um Estado moderno exigia, Ariès (1981) encontra diferentes formas de, até este momento, organizar e medir as idades da vida. O quadro a seguir apresenta algumas das métricas identificadas pelo autor:

**Quadro 1** – Organização da vida por Phillippe Ariès

Organização por faixa etária (seria isso?)	Séculos XIV – XVIII
Infância (0-7 anos); Pueridade (7-14 anos); Adolescência (15 até 28, 30 ou 35 anos); Juventude (35 até 45 ou 50 anos); Senilidade/senectude; Velhice (até 70 anos ou até a morte);	Idades dos Brinquedos; Idades da Escola; Idades do Amor; Idades da Guerra e da Cavalaria Idades Sedentárias

**Fonte:** Organizada pelos autores a partir de Ariès (1981)

Conforme podemos observar no quadro 1, embora tenham coexistido em algum momento, as formas de medir as idades da vida tomam diferentes métricas. No primeiro



caso, a divisão se estabelece a partir de padrões biológicos, tomando a idade aproximada dos sujeitos. No segundo caso, característico do período situado entre os séculos XIV e XVIII, observa-se a predominância de uma métrica social, que organiza as idades da vida a partir do que socialmente se espera do sujeito em cada momento: brinquedos, escola, amor, guerra e cavalaria ou sedentarizar-se.

As análises de Ariès (1981) permitem algumas reflexões. Inicialmente, destaca-se que embora encontremos nestas divisões os conceitos de infância e juventude, a compreensão destes conceitos não é a mesma que temos atualmente, corroborando com Kramer (1999). Um segundo ponto a ser evidenciado é que a projeção de vida das pessoas era significativamente mais curta que a da atualidade, o que nos permite pensar que poucos chegavam às idades mais avançadas.

Embora encontremos a palavra infância para definir uma das idades da vida, é possível afirmar que o sentimento de infância tal como o temos na contemporaneidade, ainda não existia. Dessa forma, criança e infância são concepções diferentes. Enquanto criança é uma designação de cunho biológico, que toma o corpo em crescimento do ser humano, a infância é uma construção social. A concepção do autor dialoga com o que propõe Ana Maria Mauad (2018), para quem o termo criança está ligado ao ato de criação, e que, da mesma maneira que a mulher possui sua criança, as plantas e os animais também as têm.

A partir de um estudo iconográfico aprofundado, Ariès (1981) demonstra que, apesar de a arte grega apresentar representações realistas ou idealizadas da criança, é apenas a partir do século XII que se observam indícios da presença do sentimento de infância. Até os séculos X e XI, a arte medieval desconhecia a infância, sendo provável que ela não ocupasse um lugar especial neste mundo. A partir da análise de diferentes iluminuras medievais, observa-se que, entre os séculos XII e XIII, emerge a representação de criança como adulto em miniatura.

Entre os séculos XIII e XVIII, as representações de criança passam por uma série de modificações: surgimento do anjo rapaz, com traços redondos e graciosos (século XIV); representações de Jesus e da Virgem Maria menina (séculos XII a XIV); representações de criança nua (a partir do século XIV); o *putto* (representação de criancinhas nuas, principalmente no século XVI, ligadas ao eros helenístico) e; os retratos de crianças representadas nas efígies funerárias infantis, de seus pais e professores. Dessa



forma, “o gosto novo pelo retrato indicava que as crianças começavam a sair do anonimato” (ARIÈS, 1981. p. 23), tornando-se cada vez mais presentes na iconografia medieval.

Todas estas transformações permitem que, no século XVII, observe-se a presença do sentimento de infância. Sendo assim, Ariès (1981) entende que o século XVII é o século da infância, no qual os retratos se tornam numerosos, as crianças passam a ser representadas sozinhas, ganham espaço na cena de gênero, etc. Desta forma, é possível afirmar que, embora observe-se nos séculos XII e XIII a emergência de uma ideia de infância, é apenas no século XVII que ela adquire o sentido moderno.

Em relação ao Brasil, no século XVII, o país ainda não existe enquanto Estado, mas como uma colônia de Portugal. Nesta América Portuguesa, a infância era dividida em três momentos: dos 0 aos 3 anos, chamado período da criação no qual a criança era amamentada pela mãe ou ama de leite; dos 4 aos 7 anos, a segunda etapa no qual a criança acompanhava a vida dos adultos e por fim, a partir dos 7 anos a criança de famílias plebeias, geralmente começavam a aprender algum ofício, seja como artesões, mecânicos, ou iniciavam seus trabalhos na lavoura. Apenas filhos de famílias abastadas recebiam a educação formal, eram enviados às escolas da época ou recebiam instrução em casa de tutores contratados pelas famílias, existindo segregação no ensino de meninos e meninas. Enquanto meninos eram ensinados a ler, escrever e contar, meninas recebiam instruções de costuras e lidas domésticas (SILVA, 2014).

Na contemporaneidade, diversos fatores devem ser levados em considerações quando se fala em diferentes infâncias e diferentes formas de ser criança, dentre eles a classe social, etnia e cultura. Sem a intenção de fazer generalizações, acreditamos que alguns dos elementos que marcam a infância e a criança são o lúdico e o brincar. Desta forma, propomos uma breve análise destes fenômenos.

### **Os Brinquedos e a Cultura Lúdica do Brincar**

Ao se tratar da infância consideramos este um dos períodos mais envolventes de nossas vidas. É nesta fase que estamos livre das asperezas do mundo, que podemos vislumbrar momentos únicos que despertam nossas curiosidades, emoções e descobertas. Nesta etapa da vida, os brinquedos e o ato imaginário do brincar proporcionam às crianças compreender melhor o mundo que as envolvem, suas ações e decisões para a vida adulta.



Os brinquedos e as brincadeiras infantis implicam em conhecer o que se pensa da criança. Quem é ela? Como brinca? Desde cedo conforme Kishimoto (1997), a criança, mesmo pequena sabe muitas coisas, tais como: escolher o que fazer, decisões a serem tomadas, interagir com pessoas, gestos, olhares, palavra que os fazem serem capazes de compreender o mundo. Dentre tantas coisas, uma das que mais gosta é o brincar, uma ação livre iniciada a qualquer hora que as fazem relaxar e, envolve regras, linguagens, habilidades e desperta o imaginário.

Além disso, o ato de brincar para a criança é a atividade cotidiana principal, pois dá o poder de tomar decisões, de expressar sentimentos e valores, de passar a conhecer a si mesmo e aos outros, expressando sua individualidade e identidade por meio linguagens, ações corporais, e movimentos, experimentando o poder de explorar o mundo os objetos a natureza e as culturas para uma melhor construção do seu eu (KISHIMOTO, 1997). Consequente, é no plano da imaginação que se destaca o brincar, sua mobilização e significados. Com isso, sua importância relaciona-se à cultura da infância, colocando a brincadeira como recurso para expressar sua aprendizagem e seu desenvolvimento.

Ainda mais, a criança no início de sua vida não sabe brincar, ela precisa aprender, interagindo com outras crianças e adultos do seu meio. Desta forma passa descobrir meio aos objetos e brinquedos, formas e matérias que passam a ser usado no seu cotidiano. Ao observar outras crianças e com a intervenção dos adultos, elas aprendem novas brincadeiras e regras. Contudo, o brinquedo, na qualidade de “estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil”, consolida-se no “lúdico em ação”, ou seja, na brincadeira em si (KISHIMOTO, 1997, p. 26).

Dessa forma, trabalhar o entendimento de infância como categoria social solicita essencialmente desprende-se da noção linear do tempo para que se possa apreendê-la como elemento maior, obrigado à constante lógica da reificação. De acordo com Almeida (2006), a cultura do brincar ou o interesse especificamente pelos brinquedos e a materialização desta atividade surgiu na Alemanha, em oficinas dos entalhadores de madeiras a partir de meados do século XVIII. Ainda assim, os brinquedos produzidos em tamanhos pequenos, com o passar do tempo foram ganhando tamanhos maiores perdendo por decorrência, seu caráter “recatado, pequeno e afável”. Ao mesmo tempo, as grandes fábricas de brinquedos foram apoderando-se deste espaço e atenção por sua significativa e gradual colocação no contexto social.



Na gradativa transição de um modelo artesanal para o de produção industrial, o brinquedo parou de ser um produto de “sobras”, cuja a pluralidade de moldes e materiais dava saída subjetiva, ideia ao imaginário da criança, para obter, então, um status de produção especializada, da qual a representação poderia vir a determinar ou propor a natureza da brincadeira. A habilidade que a criança tem de optar e ajustar objetos de várias formas e tamanhos – “sobras” dispensadas pelos adultos como “lixo”, as crianças adaptam em suas brincadeiras, segue como representação de sua imaginação, criatividade e de sua auto-expressão.

É o que Benjamin (1984) denomina de “fazer história a partir do lixo da história”. Neste sentido Benjamin diz que: “quanto mais atraentes (no sentido corrente) forem os brinquedos, mais distantes estarão de seu valor como ‘instrumentos de brincar’; quanto ilimitadamente a imitação anuncia-se neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva” (BENJAMIN, 1984, p. 14 apud ALMEIDA, 2006 p.543). Com isso, estes materiais descartados pelos adultos passam a fazer parte do imaginário criativos das crianças, para alguns é inútil para os pequenos um novo despertar uma nova brincadeira. A relação íntima entre o brinquedo e o brincar é destacada por Arendt (1971, p. 232 apud Almeida 2006, p. 543):

Quando destaca a crença de outrora sobre o brincar como ‘o modo mais vívido e apropriado de comportamento da criança no mundo, por ser a única forma de atividade que brota espontaneamente de sua existência como criança’. Dentro dessa perspectiva, a ênfase no aprendizado por meio do brinquedo era total e só aquilo que podia ser aprendido mediante o referido objeto de brincar acreditava-se poder fazer justiça à vivacidade infantil. Contudo, toda e qualquer atividade de aprendizado que forçasse a criança a uma atitude de passividade, praticamente obrigava-a a abrir mão de sua própria iniciativa lúdica.

Entretanto, a crença de que o brinquedo venha despertar a imaginação e determinar uma brincadeira na criança é contestada por Benjamin (1984, apud Almeida 2006). Para ele trata-se de um “equivoco fundamental”. Ele menciona que a direção deve ser a contrária, pois é no momento da brincadeira que a criança insere o brinquedo ou objeto, ao inseri-lo, este tomar vários formatos imaginários (cavalos, carros ou até mesmo uma pá) podendo na sua imaginação se tornar um cavaleiro, um motorista ou mesmo um construtor. Com efeito, “diluição” da criança no brinquedo/objeto proporciona deduzir



que a natureza da relação entre o brinquedo e o brincar é simbiótica ou seja estão relacionados, o brinquedo estimula o imaginário infantil, efetiva-se no “lúdico em ação” e dessa forma a brincadeira em si. Mimetiza com o objeto e determina a sua infinita mascara imaginaria infantil, constituindo-se um objeto híbrido e dialógico o qual assume diversos papeis dos mais vários tipos, de acordo com a curiosidade e o interesse dela. Dessa forma, nos propomos a refletir o ser e estar na infância da cidade de São Leopoldo, no início do século XX. Para tanto, se faz necessário, embora que de forma breve, apresentar ao leitor esta cidade.

### **Uma cidade no sul do Brasil – Imigração, etnia, infâncias**

Localizada na região sul do Brasil, a cerca de 32 Km da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, em meio a tantas outras cidades que ajudam a compor a região metropolitana, construída por histórias de domínios e divisões territoriais, colonizada por imigrantes de diferentes etnias que, nessas terras, trabalharam e fizeram morada, arquitetou-se a cidade que hoje conhecemos por São Leopoldo.

Quando ousamos contar um pouco da história dessa cidade, logo nos remetemos a sua história como de origem germânica e, de maneira quase que ingênua, alegamos que o desenvolvimento e o crescimento da cidade ocorreram exclusivamente com a vinda dos imigrantes alemães para as terras da região sul. Esquecemos que, antes da chegada dos colonizadores, outros povos aqui já moravam: índios, negros, açorianos, dentre outros, trabalhando e explorando a região. Por trás da vinda dos imigrantes alemães, existe uma São Leopoldo muitas vezes esquecida na história.

Entre o final do século XVIII e início do século XIX, essa região era conhecida como Faxinal do Courita, pertencente à cidade de Porto Alegre, na então Província de Rio Grande de São Pedro. A partir de 1788, passou a ser reconhecida como Feitoria do Linho Cânhamo, por receber a transferência da empresa Real Feitoria do Linho Cânhamo<sup>4</sup> que, até então, localizava-se na região conhecida como Rincão de Canguçu, próximo à Serra de Tapes e à Lagoa dos Patos. A empresa, após aqui ser instalada, funcionou por

---

<sup>4</sup> A empresa Real Feitoria do Linho Cânhamo plantava e se utilizava das fibras do cânhamo (planta conhecida como *cannabis sativa*, originária da Ásia Central), para a produção de cordas navais, muito utilizadas pelas grandes embarcações de navegação da época.



quase 40 anos (1788-1824), sendo essa localidade povoada por imigrantes açorianos e famílias de escravizados que trabalhavam no plantio do cânhamo e na produção de cordas da Real Feitoria<sup>5</sup>.

Nesse mesmo período, o País estava em busca de imigrantes europeus que viessem para o Brasil para, dentre outros objetivos, aumentar a população, ocupando, com isso, os espaços demográficos vazios, bem como para fortalecer o número de soldados do exército, colonizar as terras e trazer mão de obra especializada.

A vinda dos imigrantes alemães para as terras sulinas seria então uma “possível solução” para o problema da baixa população dessa região. Entretanto, o cenário da região de São Leopoldo, no qual famílias seriam recebidas nesse período, não estava preparado para seu assentamento: sua área era fechada pela mata e pantanosa, além de não haver moradias, apenas uma construção que, até o ano de 1824, antes de ser desativada, acomodava a empresa Real Feitoria. E foi nesse local que eles seriam inicialmente abrigados.

A primeira das três levadas de imigrantes alemães que desembarcaram às margens do Rio dos Sinos ocorreu em 25 de julho de 1824, data esta que marca a fundação da cidade de São Leopoldo. Entre os 39 imigrantes que desembarcaram nesse primeiro grupo, havia homens, mulheres e crianças<sup>6</sup>, sendo que, dentre eles, 33 eram de crença evangélica e 6 de crença católica.<sup>7</sup> Por ser uma das primeiras localidades do Brasil a receber imigrantes colonizadores alemães, a cidade passa a ser também reconhecida como Berço da Imigração Alemã. Moehlecke (1978) aponta, por meio da investigação de comunicados oficiais, que, a partir de 1824, a região inicialmente chamada de Colônia Alemã da Feitoria passou a se chamar Colônia Alemã de São Leopoldo<sup>8</sup>.

Segundo Dreher (2005), a criança é pouco privilegiada nos estudos que dizem respeito à imigração alemã no Brasil, já que o principal personagem dos estudos nessa temática recai aos homens “varões” e, atualmente, pelo aumento do número de estudos

<sup>5</sup> Para saber mais sobre a história da Real Feitoria do Linho Cânhamo, ver Johann (2010) e Oliveira (2014).

<sup>6</sup> Em 23 de junho de 1824, saíram da Casa de Correção de Güstrow 77 homens, 23 mulheres e 33 crianças e direção ao Brasil. (Dreher, 2005).

<sup>7</sup> “O desembarque dos primeiros imigrantes alemães no Brasil”. Matéria publicada no Jornal VS em 22/07/2014. Disponível em: <<http://zip.net/bwtBgq>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

<sup>8</sup> “Colônia” designava o módulo da terra. Em 1824, uma colônia media 75 hectares; em 1850, passou a ter 50 e, em 1875, 25 hectares. Toda uma região formada por colônias também podia ser designada de “Colônia”, como é o caso da “Colônia Alemã de São Leopoldo”. (DREHER, 2014, p. 116).



referente ao gênero, agregaram-se as mulheres imigrantes às pesquisas. Nesse caso, o estudo da criança imigrante é deixado de lado uma vez que, conforme Dreher (2005, p.01), ela considerada uma “mera fase de transição ou de aprendizado, sem ser vista como sujeito histórico”. Nesse sentido, esse estudo vem com o intuito de contribuir para os estudos, ainda que incipientes, referente à infância e à criança imigrante alemã na região Sul do Brasil, mas especificamente, na cidade de São Leopoldo.

### **História das Infâncias em São Leopoldo a Partir da Cultura Material**

Como então pensar sobre as infância/infâncias em São Leopoldo? Propomos aqui uma reflexão a partir da cultura material do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo<sup>9</sup>. Este museu torna-se uma instituição importante para a história da imigração alemã no país, uma vez que seu acervo conta com cerca de 35.000 itens do acervo tridimensional, 30.000 fotografias, cerca de 360 títulos de jornais, dentre eles jornais em alemão e 250.000 documentos. Seu espaço ainda comporta uma biblioteca com mais de 24.000 títulos de livros que tratam sobre a história do Rio Grande do Sul e da imigração alemã<sup>10</sup>.

Conforme apontam as autoras Stephanou e Bastos (2011, p. 427), “o campo de pesquisa em História da Educação é multifacetado e pluridisciplinar. Abarca vários temas e objetos de pesquisa”. Posto isto, refletir sobre a história da criança e da infância, tendo como aporte os brinquedos, ou seja, a cultura material, faz com que possamos, em alguma medida, contribuir com os estudos já realizados e com as novas pesquisas em História da Educação.

A partir de visita ao MHVSL, o acervo relativo à infância foi fotografado, sistematizado e analisado. Para fins de análise, dividimos os elementos da cultura material em dois grandes grupos: objetos escolares e brinquedos. É importante destacar que esta categorização se dá para via de análise, sendo possível que um mesmo objeto se encontre nos dois espaços. Na sequência, o quadro sistematiza os objetos analisados:

---

<sup>9</sup> Com a finalidade de dar sentido a presença alemã em território brasileiro e fomentar as discussões e pesquisas teuto-brasileiras em nível nacional, fundou-se em 20 de setembro de 1959, o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), localiza-se no centro da cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. Apresenta como uma de suas peculiaridades ser o primeiro museu dedicado a salvaguardar artigos e fontes da história da imigração alemã no Brasil. É uma instituição cultural privada, que conta com a colaboração de seus associados e da própria comunidade leopoldense, sem fins lucrativos.

<sup>10</sup> Informação extraídas de <https://cutt.ly/nrmP5pz> Acesso em janeiro/ 2020.



**Quadro 2** – Objetos relativos à infância encontrados o MHVSL

<b>Objetos escolares</b>	<b>Brinquedos</b>
Estojos de madeira; Compasso para giz; Lousa escolar; Palmatória; Lápis de Pedra; Sacola Escolar; Documentos escolares; Livros de lições (em alemão); Lista de Chamada;	Boneca; Galo; Castelo; Cavalo de Madeira; Chocalho; Bola de Gude; Pião; Arado de boi; Bonecos; Fogão de Ferro; Armários, bancos e cadeiras de madeira; Ferro de passar; Máquina de Costura;

**Fonte:** Organizado pelos autores (2019)

De acordo com o quadro, é possível afirmar que os elementos referentes à Infância em São Leopoldo podem ser divididos em dois grupos. O primeiro, refere-se aos objetos escolares que fizeram parte do cotidiano do processo de escolarização do século XX. Esses objetos podiam ser utilizados por professores (compasso para giz, palmatória, lista de chamada, documentos), alunos (sacola escolar, lousa escolar) ou por ambos (estojos de madeira, lápis de pedra e livros de lições). O segundo grupo é composto por objetos ligados às brincadeiras infantis, sendo eles: boneca, galo, castelo, cavalos de madeira, chocalhos, bola de gude, pião, arado de boi, bonecos diversos, fogão de ferro, armários, bancos e cadeiras de madeira, ferros de passar e máquina de costura. Considerando que, como anteriormente apresentado, temos o objetivo de analisar os modos de ser e estar na infância da cidade de São Leopoldo a partir dos brinquedos salvaguardados e expostos no Museu Visconde de São Leopoldo, propomos, neste estudo, centrar nossas análises nos objetos ligados ao brincar.

Inicialmente, é importante destacar que, do ponto de vista da materialidade, estes brinquedos são confeccionados a partir de diferentes materiais: tecido, madeira, pedra e/ou metal. Peso e tamanho são variados. Em relação à produção, são brinquedos artesanais e industrializados. É possível inferir ainda que, parte destes brinquedos pertenceram a crianças de grupos economicamente favorecidos, uma vez que, como veremos, possuem dentre outras especificidades, logomarcas de renome, o que



possivelmente tornava e ainda torna na atualidade tais brinquedos dirigidos a uma classe econômica específica.

A partir da análise destes brinquedos é possível identificar elementos da infância em São Leopoldo. Inicialmente, destaca-se que parte dos brinquedos estava diretamente ligada às representações do mundo adulto, trazendo elementos da casa, do convívio social e do cotidiano. Na sequência, passamos a analisar os brinquedos.

**Imagem 1**<sup>11</sup> – Arado de madeira e boi de pedra



Fonte: MHV São Leopoldo

Na Imagem 1 podemos observar, no primeiro plano, um brinquedo que representa um boi e uma espécie de arado/capinadeira. Em relação à confecção, o brinquedo possui traços artesanais, não parecendo ter sido industrializado: enquanto o animal é confeccionado a partir da colagem de diferentes pedaços de rocha, o arado é feito de madeira e cordões. Considerando as características históricas de São Leopoldo, é possível afirmar que esses elementos faziam parte do cotidiano dos imigrantes que se fixaram na região. O arado/capinadeira é um instrumento característico das zonas rurais, utilizado para lavrar a terra e prepara-la para o plantio. Neste processo, além da força humana, o instrumento conta com o auxílio da força animal, geralmente um boi. Considerando estas características do meio rural, é possível afirmar que os brinquedos infantis estavam relacionados aos instrumentos materiais e aos animais característicos do meio agrícola no qual estas crianças estavam inseridas. A presença destes animais é constante em diversos outros brinquedos:

---

<sup>11</sup> Parte das fotografias dos brinquedos foram capturadas com uma caneta na frente. Considerando que a caneta tem um tamanho de 15 cm, é possível que o leitor tenha uma noção aproximada dos objetos fotografados.



**Imagem 2** – Galo com rodas



Fonte: MHV São Leopoldo

**Imagem 3** – Cavalo de Madeira



Fonte: MHV São Leopoldo

Na imagem 2 podemos observar que o brinquedo consiste em uma galinha de madeira pintada, contando com rodas de metal, que possibilitavam deslocar o objeto ao ser empurrado. Na Imagem 3, no centro, observa-se um cavalo, também de madeira pintada. Assim como o boi, é possível afirmar que galinha e cavalo faziam parte do cotidiano da vida em São Leopoldo. No caso do galinha, além de servir como alimento, fornecendo a carne, seu canto era/é utilizado como marcador temporal. Em relação ao cavalo, seu uso no meio rural está associado ao transporte (de pessoas, cargas e objetos), bem como à força, utilizada no trabalho no campo.

Em relação à imagem 3, outros brinquedos podem ser observados. À frente do cavalo encontra-se um ioiô, confeccionado em madeira e cordão. À esquerda do cavalo observa-se uma espécie de chocalho, feito em metal. À direita, observa-se um pote contendo bolas de gude, feitas a partir de vidro. Enquanto as bolas de gude e o chocalho parecem ter sido industrializados e comercializados, o ioiô apresenta características de confecção artesanal.

A madeira parece ter sido um dos principais materiais utilizados como matéria-prima na produção de brinquedos. Além do galinha, do cavalo e do ioiô, outros objetos foram confeccionados a partir dela, como podemos observar na sequência:



Imagem 4 – Pião



Fonte: MHV São Leopoldo

Imagem 5 – Boneca, Bilboquê e Chocalho



Fonte: MHV São Leopoldo

Na imagem 4 podemos observar três piões de madeira. De acordo com a ficha do museu, o pião é “um dos brinquedos mais antigos da humanidade, foram encontrados piões datados de 4000 anos a.C. Feitos de diversos materiais, os mais comuns eram feitos de madeira, sendo hoje feitos de materiais como plástico” (MUSEU HISTÓRICO VISCONDE SÃO LEOPOLDO, s.n.). A imagem 5 apresenta mais dois brinquedos confeccionados em madeira, sendo eles um chocalho e um bilboquê. Enquanto os brinquedos de madeira apresentam características artesanais, a boneca presente no centro da imagem 5 parece ter sido industrializada. A boneca tem corpo de pano, roupas de tecido e cabeça e cabelos em plástico.

Até este momento, foi possível observar a presença de brinquedos que remetem à vida no campo, com representações de animais e instrumentos cotidianos, bem como brinquedos ligados diretamente ao mundo infantil, como ioiôs, chocalhos, piões, bilboquê e boneca. Além disso, encontram-se também brinquedos que remetem às representações da casa, de âmbito privado.



Imagem 6 – Boneca e bancos de madeira



Fonte: MHV São Leopoldo

Imagem 7 – Objetos da casa



Fonte: MHV São Leopoldo

Na imagem 6 podemos observar peças de madeira que remetem às cadeiras características da vida adulta. Essas cadeiras são confeccionadas em madeira, pintadas. Sobre as cadeiras encontramos bonecos confeccionados em tecido, que remetem à figura humana. Na imagem 7 observamos uma cena que remete ao interior da casa: uma penteadeira de madeira, com portas e gavetas que abrem e fecham, com um banco à frente. Ao lado, observamos uma cadeira de madeira, com uma boneca em miniatura. Em relação à produção destes objetos, é possível que tenham sido confeccionados de forma artesanal.

Embora centre sua análise no tempo e espaços do universo escolar, alguns estudos de Augustín Benito Escolano (2000) nos fornecem subsídios para refletir sobre estes brinquedos e as infâncias que constituíam. Segundo o autor, o tempo e o espaço são registros empíricos da memória. Desta forma, a arquitetura deve ser tomada como um importante objeto de análise, uma vez que exerce significativa influência sobre os corpos. A partir da importância que tempo, espaço e arquitetura exercem sobre os sujeitos, é possível identificar suas representações nos espaços educativos e, neste estudo, nos brinquedos característicos das infâncias de São Leopoldo.

É a partir desta importância do espaço e da arquitetura que podemos identificar, além de animais e brinquedos tipicamente infantis, a presença de representações da casa e do espaço habitado nos brinquedos infantis. Os brinquedos presentes na Imagem 7 remetem ao espaço do lar, a uma sala ou quarto. Dessa forma, as brincadeiras infantis remetiam ao espaço da casa, provavelmente preparando os sujeitos para a vida adulta.



A influência do espaço é tão significativa para a infância que, Benito Escolano (2000) relembra que, algumas metodologias educativas, como a montessoriana, tomam o ambiente e o espaço como parte constitutiva e irrenunciável do modo de ser das crianças. Além do uso destas representações como parte dos processos educativos escolarizados, podemos afirmar que também perpassavam os modos de viver a infância, de brincar e de se relacionar com as demais crianças. Benito Escolano (2000, p. 225) reforça ainda que “no sólo la arquitectura. también los objetos que amueblan los espacios, domésticos o escolares, sirven de soporte a las experiencias cognitivas y estéticas de los niños”. Dessa forma, tanto nas imagens 6 e 7 quanto nas que serão analisadas na sequência, podemos observar representações não apenas de casa, do espaço habitado, mas também dos objetos domésticos característicos desta sociedade. A imagem 8 é um exemplo de representação do espaço habitado e dos objetos que caracterizam este espaço:

Imagem 8 – Casa de madeira e móveis em metal



Fonte: MHV São Leopoldo

Na imagem 8 temos uma casa de madeira, portátil, que abre e fecha. Em frente a esta casinha, podemos observar a presença de brinquedos que remetem a móveis, sendo eles cadeiras e mesa. Apesar da predominância da madeira, esta não é a única matéria-prima que deu origem aos brinquedos. Em relação aos móveis desta imagem, podemos observar que são produzidos de forma artesanal, a partir de metal. A parte superior da mesa, as costas e base das cadeiras são confeccionados de tiras final de metais, trançadas e coladas. O metal utilizado é relativamente frágil, moldável. É possível que estes brinquedos tenham sido confeccionados a partir de latas de alimentos ou outros produtos utilizados. Ainda em metal, são encontrados também brinquedos industrializados:



Imagem 9 – Ferro de passar em miniatura



Fonte: MHV São Leopoldo

Imagem 10 – Máquina de Costura Manual



Fonte: MHV São Leopoldo

Imagem 11 – Fogão e panelas



Fonte: MHV São Leopoldo

Imagem 12 – Fortaleza/Castelo



Fonte: MHV São Leopoldo

Na Imagem 9 tem-se um ferro de passar roupas a brasa. O ferro, embora de brinquedo, tem as mesmas características do utensílio, diferindo apenas no tamanho. É importante destacar ainda que o material, aparentemente, é o mesmo do ferro utilizado pelas famílias em São Leopoldo. Assim como o ferro de passar à brasa, a máquina de costuras presente na Imagem 10 também é confeccionada em metal. Como podemos observar, a máquina de costuras de brinquedo tem as mesmas características de uma máquina manual. Em relação a este último brinquedo, é importante salientar que, além de ser industrializado, é possível afirmar que ele foi produzido por uma marca de brinquedos que, ainda hoje, produz brinquedos e jogos infantis, chamada de ‘Estrela’<sup>12</sup>. Observando o suporte da máquina de costuras, identifica-se o logotipo da marca.

<sup>12</sup> A Fábrica de brinquedos ‘Estrela’ foi fundada em 27 de julho de 1937, produzindo, inicialmente, bonecas de pano e carrinhos de madeira. Ao longo da sua existência e, acompanhando a evolução industrial do país, passou a produzir também brinquedos de plástico, metal e outros materiais. Em 1944, passou a ser uma



A partir do site institucional da ‘Estrela’ (online, s.n.), é possível afirmar que as ‘maquininhas de costura’ começaram a ser produzidas a partir dos anos 1952 e que, uma inovação deste brinquedo era o fato de costurar de verdade. Em relação aos anos 1950, marca um período de transição, no qual, embora ainda predominem os brinquedos de madeira, eles passam dividir espaço com brinquedos de outros materiais (ESTRELA, online, s.n.).

Na imagem 11 podemos identificar um brinquedo que corresponde a um fogão à lenha, com painelas e dois ‘paus-de-macarrão’. O fogão em miniatura e as painelas são confeccionados em metal. O fogão possui uma chapa, portas que abrem e fecham (correspondendo ao espaço para colocar lenha) e um espaço específico para as painelas. Por sua vez, as painelinhas possuem tampas que são móveis. Entre as painelas, sob o fogão, estão os ‘paus-de-macarrão’, confeccionados em madeira.

A Imagem 12 apresenta o maior brinquedo em tamanho. Podemos observar uma espécie de Fortaleza/Castelo, com soldados. O castelo é confeccionado em madeira pintada, sobre um suporte de ferro pesado. As partes de madeira são móveis, sendo provável que, dentre o brincar com o castelo, fizesse parte montar o brinquedo de diferentes formas. Os soldados são de ferro maciço.

Estas são apenas algumas das imagens de brinquedos que foram salvaguardados pelo MHVSL e que, após serem registrados, organizados, foram selecionados para este estudo a fim de apresentar e refletir sobre as diferentes formas de ser infante no Brasil. Acreditamos na possibilidade de estudos futuros que tomem esta problemática e o acervo do MHVSL.

### **Considerações finais**

Iniciamos este estudo partindo das reflexões de Manoel de Barros (2008), no que se refere ao tempo. No decorrer desta escrita, percebemos que o tempo da infância é único para o ser humano, entretanto, cada indivíduo sente-o, vivencia e a experimenta de forma singular, tornando esse período não igual para todas as crianças. Assim, podemos inferir



que não existe uma forma de ser infante, mas que existem múltiplas formas de infâncias, por isso de seu uso no plural.

Uma dessas formas de ser/estar infante foi analisado neste estudo. A partir dos registros captados dos brinquedos preservados pelo MHVSL, na cidade de São Leopoldo/RS, em sua maioria do início do século XX, foi possível analisarmos alguns de seus aspectos. Em relação à materialidade dos brinquedos, acreditamos, que no caso daqueles confeccionados em madeira ou folhas e metal, podem ter sido produzidos por artesãos locais e pelos pais destas crianças, imigrantes alemães. Esses brinquedos, além de servirem para o brincar e para o lúdico, contribuíram para a circulação e produção de renda local. É importante destacar ainda que, para além dos brinquedos artesanais, foram identificados alguns fabricados por empresas especializadas. Desta forma, estes objetos permitem identificar a existência de diferentes grupos sociais na cidade de São Leopoldo.

Outra possibilidade de análise refere-se à finalidade e função dos brinquedos. Para além do brincar, estes objetos infantis parecem preparar as crianças para o mundo adulto. Representavam o cotidiano de onde estavam inseridos: animais (bois, galos e cavalos) e ferramentas (arado) do cenário rural, objetos da casa (fogão, mesa, cadeiras, penteadeira), utensílios do lar (máquina de costura, ferro de passar), etc. Nesse sentido, podemos deduzir que, apesar de serem crianças, o brincar e a infância nessa região estava muito ligado à cultura local dos imigrantes, destinando a criança a ambientar-se ao cenário agrícola, às lidas da casa e ao mundo do trabalho.

Para longe de encerrar as discussões sobre essa temática, esses escritos tiveram como finalidade apenas suscitar novos questionamentos e inquietações baseado nos dados apresentados, procurando colaborar, desta maneira, com os novos estudos e as novas pesquisas referentes à temática multifacetada das infâncias.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. Sobre brinquedos e infância: aspectos da experiência e da cultura do brincar. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 27, n. 95, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da família**. Ed. LTC, 1981.



BARROS, Manoel. **Caros Amigos**, nº 117. Entrevista, 2008. Disponível em: <http://manoeldebarros.blogspot.com/2015/10/o-tempo-so-anda-de-ida.html>. Acesso em 17/02/2020.

BENJAMIN, Walter. **A criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

DREHER, Martin N. **A Criança no Mundo Imigrante Teuto do Rio Grande do Sul: Contribuição para uma História Social da Criança na América Latina**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206368\\_ec49e023e8352af180703f78116ae228.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206368_ec49e023e8352af180703f78116ae228.pdf). Acesso em 17/02/2020.

\_\_\_\_\_. **190 anos de imigração alemã do Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças**. 2ª ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **Tiempos y espacios para la escuela – Ensayos históricos**. Biblioteca Nueva, Madrid, 2000.

ESTRELA, site institucional. Sobre a Estrela. s. s. Disponível em: <https://www.estrela.com.br/>. Acesso em 25/11/2019.

JOHANN, Renata Finkler. **Na trama dos escravos de sua majestade: O batismo e as redes de compadrio dos cativos da Real Feitoria do Linho Cânhamo (1788- 1798)**. 2010, 56p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em História). Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2010.

ISHIMOTO, T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

KRAMER, Sônia. **Infância e produção cultural**. Campinas: Papyrus, 1999.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006.

MAUAD, Ana Maria. *A vida das crianças de elite durante o Império*. In: PRIORE, Mary Del (Org.) **História das crianças no Brasil**. São Pulo: Contexto, 2018. 7ª ed.

MOEHLECKE, Germano Oscar. **O Vale dos Sinos era assim**. São Leopoldo: Rotermond, 1978.

OLIVEIRA, Júlio César de. Fibra de linho num palmo de terra: A ocupação das terras da feitoria do Linho Cânhamo. **História Unicap**, v. 1, n. 2, jul./dez. de 2014. p 168-173.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A educação da mulher e da criança no Brasil Colônia. In: STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Século XVI - XVIII**: Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 6ªed.



STEPHANOU, Maria. BASTOS, Maria Helena Câmara. História, memória e História da Educação. In: STEPHANOU, M; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Século XX**: Vozes, 2011. 4ªed.